
O devir-criança como trama no processo de pesquisa

Tabta Rosa de Oliveira [1]

Resumo: O artigo propõe pensar o tema devir-criança como atravessamento no processo de pesquisa. Inicia justificando a escolha da narrativa na perspectiva da bio:grafia (PRADO, REIGOTA, 2008) e tenciona deslocamentos de escrita como forma de trazer à tona a personagem conceitual menina que roubava crianças, costurando assim, possibilidades de encontros em devir. Nesta composição e para acrescentar camadas de reflexão deste cotidiano vivido da pesquisa, adicionou-se o ato de bordar as fotografias das memórias de infâncias num processo de urdidura que entrelaçou as cenas das narrativas e os autores de apoio deste recorte da pesquisa *Costurando Memórias: experiências com cotidianos infantis* em curso no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba.

Palavras-chave: Devir-criança. Bio:grafia. Bordado.

Becoming-child as fabric in the research process

Abstract: The article proposes a reflection about the theme of becoming-child as a crossing in the research process. It starts by justifying the choice of the narrative from the perspective of biography (PRADO, REIGOTA, 2008) and develops the critical arguments to bring up the conceptual character girl who used to steal children, sewing possibilities of encounters in becoming. In this composition and to add layers of reflection to this everyday experience of research, the act of embroidering the photographs of childhood memories in a sewing process that interwoven the scenes of the narratives and the supporting authors of this section of the ongoing research of the Master Program in Education at the University of Sorocaba, Sewing Memories: experiences with children's daily lives.

Keywords: Becoming-child. Bio-graphy. Embroidery.

[1] Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação (UNISO). E-mail: tabta@costurandomemorias.com.br.

O ÁLBUM BORDADO

A criança que eu fui um dia mora
 Dentro desse adulto que eu me tornei
 Na mesma gaveta onde eu guardo os
 “Para de sonhar, leva a vida a sério”
 E ela representa tudo o que eu quis ser um dia
 Mas, parei de sonhar e levei a vida a sério
 Sim!! Exatamente como me disseram pra fazer
 Mas ao contrário de mim, ela nunca desiste
 Ela insiste em me fazer sorrir
 Essa criança não marcou hora na minha agenda
 lotada de desculpas
 Não pediu licença, simplesmente abriu a porta
 e veio me visitar
 E como quem fala
 Ei! Você não tá mais de castigo
 Ela me olhou e disse a coisa mais séria que eu
 já ouvi
 Você quer brincar comigo?
 (CASTRO, 2017)

Como na poesia de Alan Castro, a criança que fui um dia, também veio me visitar. Ela me tirou da rotina, me bagunçou, me chamou para brincar. Me fez refletir quem sou, que era, quem seria, quem ser(ia) e me pediu para res(pirar), para voltar a sonhar. Ela me chamou ao vento, me fez sentir a brisa, fez habitar-me. Ela me fez olhar para minha infância, mas também me fez ver as infâncias. A minha filha, as crianças ao meu redor, as crianças de perto, as crianças de longe, as crianças na cidade. Me fez enxergar os muros, as ausências, os isolamentos e pediu: vem brincar!

Este movimento em devir atravessou a pesquisa em andamento: *Costurando Memórias: experiências com cotidianos infantis*¹, a qual escolho trazer aqui como um recorte para pulsar reflexões sobre o devir criança de uma

1 Nome provisório da pesquisa de mestrado em andamento no programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade de Sorocaba.

pesquisadora e suas dobras, a partir da escolha de escrever uma bio:grafia (PRADO, REIGOTA, 2008).

Para não só produzir um relato da minha infância, mas fazer desta narrativa exploratória um encontro em devir criança, propus bordar minhas fotos infantis para auscultar as histórias e tirar delas acontecimentos.

Pois um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois (BENJAMIM, 1987, p.37).

Neste processo, de buscar a chave, compus um álbum que reúne duas propostas: bordado e fotografia. Os bordados fizeram composição à pesquisa num processo de foto-escrita-experimentação (ROMAGUERA, WUNDER, 2016, p.133). Além de acentuar a mensagem que suspendia nas fotos, ele movimentou a escrita e produziu contornos. Criou intervalos, espaços, vazios para pensar sobre leituras, pensar sobre e com a pesquisa e seu entorno (DALMASO, 2017).

Os acontecimentos lembrados provocaram um encontro com uma personagem conceitual (DELEUZE, GUATTARI, 1992) que apresentou nas próximas linhas e que provocou uma terceira coisa, como assim descreve Walter Kohan (2004) em diálogo com Giles Deleuze e Claire Parnet (1988):

Devir-criança não é tornar-se uma criança, infantilizar-se, nem sequer retroceder à própria infância cronológica. Devir é um encontro entre duas pessoas, acontecimentos, movimentos, ideias, entidades, multiplicidades, que provoca uma terceira coisa entre ambas, algo sem passado, presente ou futuro; algo sem temporalidade

cronológica, mas com geografia, com intensidade e direção próprias (Deleuze; Parnet, 1988, p. 10-15). Um devir é algo “sempre contemporâneo”, criação cosmológica: um mundo que explode e a explosão de mundo (KOHAN, 2004, p.59).

Escolho transitar entre narrativas, em primeira e terceira pessoa, para deslocar o olhar, perceber outras perspectivas. Me distancio num processo reflexivo para ser lida e (in)compreendida por mim e pelo outro como nos diz Marcos Reigota e Barbara Prado (2008). Narro o que por muito tempo foi esquecido: minha infância, minha relação com a natureza e com as crianças. Estes pequenos relatos, “restos” das minhas memórias como diria Nilda Alves (2000), trazem à tona gestos que compõem minha história de vida, minha construção de identidade, de cultura e de expressão política (PRADO, REIGOTA, 2008). Ao rememorar estes momentos, não só registro unidades cronológicas, pontos da minha biografia, mas ponho em prática, nestas idas e vindas de se fazer lembrar, o que Michel de Certeau nomeia “uma arte de fazer pensar” (2012, p.156).

Abro então, meu álbum e faço o convite “Senta, que lá vem história”, buscando nas referências infantis, de um quadro do programa Castelo Ra Tim Bum (1994), este momento de atenção brincante e aberto a curiosidade.

A menina que roubava crianças

Tabta² gostava de brincar. De boneca, de casinha, de vestido com lençóis, de esportes radicais. Gostava quando

seu pai propunha bagunça nas noites em que ficava sozinho em casa com ela e seus irmãos. Gostava de subir em árvores e brincar de 'lutinhas', e principalmente amava viajar apertada no carro com seus dois irmãos no banco de trás, para qualquer lugar deste Brasil afora nas férias da família.

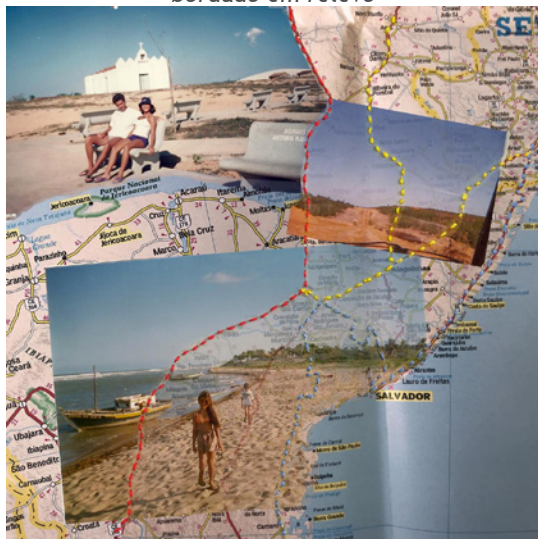
Nessas aventuras, pôde conhecer parques nacionais, chapadas, e muitas reservas ambientais; foi para o Pantanal, navegou pelo rio Parnaíba quase no Maranhão, atravessou estradas vazias, conheceu praias paradisíacas, foi ao Sul e quase ao Norte. No parque das Sete Cidades no Piauí, viu inscrições de povos originários, no alto dos Cânions do Sul avistou o horizonte e ao fundo o mar dos grandes paredões de Torres. Sentiu frio no Sul, no acampamento dos pampas e muito calor no Tocantins. Experimentou o ar seco de Brasília, contemplou os campos dourados do Jalapão, passou na Estrada Verde da Bahia antes de ser construída, foi à Imbassai no Norte deste mesmo estado, antes da invasão imobiliária. Vivenciou muitas histórias em estradas de terra, e tem a lembrança querida de sentar-se na praça central de Tatajuba/Ceará e esperar o almoço ser morto e cozido, afinal a galinhada precisava ser encomendada ainda na chegada ao lugar. Este convite do tempo ralentado traz memórias de momentos de contemplação ao lado do seu pai que sempre que podia, ensinava as suas crianças o sabor do momento presente.

Ela poderia contar inúmeras histórias como esta, mas o que cabe aqui, é dizer o quanto esta experiência familiar das cruzadas de carro pelas estradas deste Brasil, trouxeram a ela a intimidade com os Brasis, com os biomas brasileiros e a fizeram amar as belezas deste imenso país.

Pode parecer, ao descrever tantas viagens, que esta família era abastada. De certa forma sim, mas não numa perspectiva econômica. Era rica em saber o valor da simplicidade de investir não em bens ou

2 A fonte Courier em itálico indica os textos nos quais produzo narrativas livres em terceira pessoa.

Figura 1 - Composição de fotos de infância com bordado em relevo



Fonte: da autora, 2020

coisas, mas em experiências. Os pais dessa menina, optaram desde o começo por apresentar aos filhos, o mundo, da forma como poderiam, num carro, numa barraca, num Brasil. Ela não saiu para fora, não foi à Disney, nem conheceu a Europa. Ela conheceu os Pampas, a Caatinga, a Mata Atlântica, o Cerrado. Mergulhou com os peixes, em águas cristalinas e frias de Bonito, e em águas mornas nas grutas da Chapada Diamantina. Dormiu juntinho apertado para não sentir frio, dormiu na rede no Pantanal. Experimentou bode no interior de Pernambuco e não gostou, comeu carne de sol com macaxeira e se esbaldou. Comeu tapioca, antes de virar moda no Sudeste, e ainda prefere muita farinha a qualquer comida internacional contemporânea.

Seu lugar preferido no mundo, agora que conhece além das fronteiras, ainda é a Janela do Céu em Ibitipoca, Minas Gerais. Um parque estadual, que guarda belezas naturais e muitas memórias destes momentos de encontro familiar e que, para ela, sempre

será um lugar que cheira canela e tem gosto de amora silvestre.

Faço uma pausa nesta viagem, para contar os afetos que estes blocos de infância (DELEUZE, PARNET, 1988), postos neste deslocamento em terceira pessoa provocaram frente à escrita desta narradora-personagem, que transita neste movimento dentro e fora da sua história.

Interessante perceber que quando comecei a narrar, me apeguei ao ponto da trama que aproximava das crianças, porque achava que este era o ponto que “importava” para a pesquisa e quase esqueci de contar as experiências de viagem que, ao observar em outra perspectiva, mostram o quanto todas essas aventuras explicitam as minhas motivações tanto práticas como teóricas, como evidência Schomer:

As lembranças que todos têm de onde vieram, moldam seu sentido do “eu” e, dessa forma, afetam as maneiras como constroem suas vidas. Ademais, as histórias de vida são “narrativas exploratórias” que desempenham papel crucial na vida cotidiana. Na verdade, as histórias podem ser usadas para explicitar as diferentes motivações e trajetórias de vida, mas também como evidência do processo de auto avaliação implícito na narrativa auto-biográfica (Schomer, 2006, p.103).

Quando iniciei minha narrativa exploratória, não imaginava que tantas efervescências aconteceriam ao recontar esta história. Abro, pois, mais espaço, para a reflexão de um cotidiano ordinário e nômade, da família que, nos meses de julho, nos feriados e quando podia, vivia a aventura de ser de qualquer lugar. Sem saber onde iria dormir, onde seria o próximo ponto e quem seriam as pessoas que conheceriam.

Como percepção identitária me colocava na posição de comum, não era a mais inteligente da turma, mas buscava ser, também não era a rebelde, respeitava as ordens e de certa forma, caminhava sempre na linha. Não era nem rica, nem pobre, tive uma infância “normal, pois para mim até então, esta normalidade não parecia trazer nenhuma novidade. Mas ao ser atravessada por Marcos Reigota (2008), Bárbara Prado (2008) e Nilda Alves (2000) pude compreender o quanto este ordinário, este cotidiano vivido (re)produz velhos e novos aprendizados, cria assim fluxos, como Carlos Ferraço e Nilda Alves (2018) colocam, ao “pensar o cotidiano sempre no plural, como fluxos, com redes em permanentes tessituras de devir, fluidas e abertas ao acaso, impossíveis de serem contidas ou representadas em suas potências e complexidades” (p.56), podemos transver muitas e outras possibilidades.

Nesta fluidez e certa de que ao contar a minha história, não somente revelo, para mim, fatos relevantes que me fizeram ser quem sou, mas absorvo as palavras de Marcos Reigota e Bárbara Prado (2008) que afirmam o quanto é importante enfatizar o potencial pedagógico e político de dar visibilidade às práxis cotidianas tanto para a elaboração de políticas públicas quanto de processos de formação de profissionais. Mergulho na canção de Milton Nascimento (1981), e “[...] longe do meu lugar”, me torno “eu, caçadora de mim”. Olhando de outros pontos de vista, aprecio o que Michel de Certeau (1994) nomeia, “paisagem”, e avisto do alto “a miniatura de um quebra-cabeça onde faltam muitas peças” (CERTEAU, 1994, p.38). Sendo que cada vez que vasculho entre as peças encontro mais um pedacinho importante da minha trajetória.

Parecia que já tinha narrado o suficiente sobre as viagens. Pois colhi destes fatos, importantes atravessamentos sobre minha relação com a natureza e com este país, mas este deslocamento de escrita, revelou outros pontos, outras peças que precisavam ser encaixadas no quebra-cabeças da minha história. Assumo então, como Bárbara Prado (2004) descreve, um “olhar viajante”. Um olhar que foi moldado, não apenas com esta pesquisa e os aprendizados adultos, mas que foi lentamente esculpido na infância desta pesquisadora. Pois, ao refletir sobre estas memórias percebo o quanto as viagens me ensinaram a ter uma atenção ao cotidiano, uma abertura ao acontecimento, como assim descreve a autora:

Assumindo o olhar viajante, que faz seu caminho ao caminhar e que faz de cada momento uma nova descoberta. Cenas do cotidiano que a um olhar desatento poderiam ser corriqueiras e por isso desprovidas de valor, ganham luz e pessoas comuns ganham voz; através das narrativas saltam do seu meio para serem reconhecidas e compreendidas em um contexto ampliado (PRADO, 2004, p. 87).

Reconheço hoje, não só a minha história, mas as dobras destas experiências e me animo a desfiar outros contos ordinários desta família que tinha rodinha nos pés.

Era julho de 1994, eles viajavam pelo Nordeste do Brasil, a proposta era percorrer a BR101 e adentrar nas praias da Paraíba, Pernambuco e Alagoas, todas sem posto certo para parar. Com um mapa na mão, as crianças no banco de trás, brigavam pelo posto de navegador. Olhavam curiosas para as estradas e seus veios, o que será que havia naquelas cidades de nomes estranhos? Paripueira, Cabedelo, Pitimbu, numa dessas cidades se perderam na noite em que o Brasil se consagrou tetracampeão da Copa do

Mundo, em 1994. Enquanto todos estavam recolhidos às suas televisões, ansiosos pelo momento do grande grito. Os pais daquelas crianças, estavam alertas pois já era hora de se recolher, buscar um espaço para dormir e rodavam sem sucesso, já noite, sem encontrar uma pousada, um camping ou algo que pudesse os abrigar.

Aflitos e conflitos entre eles, os pais não deixavam enunciar a tensão e usavam da locução do rádio, da agitação dos pênaltis, como estratégia para manter a calma no ambiente no carro. Foi no grito de "é tetra", enquanto ouviam estarecidos a celebração naquela pequena cidade, que o pai ao conversar com algumas pessoas num barzinho, encontrou uma casa para alugar e dormir nesta noite inusitada. Para a menina, foi a melhor copa de todos os tempos, e ouvir pelo rádio trouxe a ela uma experiência única, sensorial. Ela lembra, bem mais deste dia, do que de muitas outras copas.

Outros fatos históricos perpassaram essas viagens, um deles: a implementação do Plano Real, em julho, de 1995. Este fato, foi cenário da passagem da família pelo interior do Nordeste. Entre Juazeiro e Petrolina as duas moedas se confundiam, na lembrança daquelas crianças, uma troca monetária era marcante: só era preciso uma nota de um real para comprar a novidade infantil: o Kinder Ovo. E sempre que podiam, pediam para fazer este cambio, a nova nota verde versus o chocolate com surpresa.

Figura 2 - Composição de fotos de infância com bordado em relevo



Fonte: da autora, 2020

Também é lembrança das passagens na divisa entre a Bahia e Pernambuco, o Hotel "chique", que mesmo com as constantes reclamações do pai que dizia: "a diária de cinquenta reais é muito cara". Ainda sim, o hotel era o escolhido para acolher a família com três crianças. Dormir num quarto grande com muitas camas e ar condicionado era um luxo que poucas vezes eles tiveram em suas andanças por aí. A estátua de Padre Cícero e a ponte do Rio São Francisco ficavam menores frente as brincadeiras infantis neste quarto especial.

A minha família, como podemos ver nestas narrativas, percorreu muitos espaços. Para além da geografia, as viagens ensinaram àquela menina, que o cotidiano vivido podia ampliar o que se aprende nas escolas. A menina vivia a paisagem da caatinga enquanto estudava geografia; observava os

movimentos de ocupação urbana e o crescimento da exploração turística nas cidades onde antes não havia nada. Ao visitar e revisitar os diferentes espaços, percebeu as mudanças in loco e não apenas pelos livros.

Retomo o plano em primeira pessoa, para adentrar mais profundamente nas questões *prácticateoriaprática* com Alves (2003) e mergulho numa escrita que assume a junção de palavras para descosturar as marcas do meu processo escolar. Como a autora esclarece neste trecho:

[...] tem, também, a ver com a busca de superação das marcas que em nós estão devido à formação que tivemos dentro do modo hegemônico de pensar, representado pela ciência moderna, na qual um dos movimentos principais é a dicotomização desses termos, vistos como "pares" mas opondo-se entre si (ALVES, 2003, p.2).

Percebo que este modo hegemônico de pensar está tão enraizado no meu processo de escolarização que foi necessário aprofundar minha própria bio:grafia para perceber estas cicatrizes na/da/com a minha história. Aprender com/ nos/ dos cotidianos (ALVES, 2003) é perceber a vida, é entender este constante fluxo de aprendizado que não tem hora, nem lugar para acontecer. É abraçar as oportunidades e contemplar o horizonte. Quando criança, isto foi muito possível para mim, por isso reflito no quanto estas vivências infantis impactaram a construção da pessoa que hoje sou. A criança que fui, aprendeu a olhar e realmente avistou o horizonte em muitos formatos, seja enquanto subia os montes nas muitas trilhas pelas quais passou, seja nas praias desertas que teve o privilégio de desbravar, ela viu muitos horizontes e aprendeu a enxergar além. Este foi o seu

cotidiano vivido, assumido aqui não apenas por metáfora ou licença poética, mas como experiência de uma família que não didatizava o olhar e que permitia que todos tivessem a liberdade e o prazer de desfrutar do cotidiano oferecido nestes momentos.

Para produzir um relevo de bordado neste ponto, trago as palavras de Freire (1989) apresentadas na abertura do Congresso Brasileiro de Leitura, em 1981, onde narrou suas memórias de infâncias para adentrar o conceito de leitura do mundo:

A retomada da infância distante, buscando a compreensão do meu ato de 'ler' o mundo particular em que me movia - e até onde não sou traído pela memória, me é absolutamente significativa. Neste esforço a que me vou entregando, recrio, e revivo, no texto que escrevo, a experiência vivida no momento em que ainda não lia a palavra. Me vejo então na casa mediana em que nasci, no Recife, rodeada de árvores, algumas delas como se fossem gente, tal a intimidade entre nós à sua sombra brincava e em seus galhos mais doces à minha altura eu me experimentava em riscos menores que me preparavam para riscos e aventuras maiores (FREIRE, 1989, p.9).

Neste fragmento de texto, o autor não só apresenta o ato de ler o mundo, mas também coloca a importância de seus pais neste processo, como discorre no texto a seguir:

Mas, é importante dizer, a 'leitura' do meu mundo, que me foi sempre fundamental, não fez de mim um menino antecipado em homem, um racionalista de calças curtas. A curiosidade do menino não iria distorcer-se pelo simples fato de ser exercida, no que fui mais ajudado do que desajudado por meus pais. E foi com eles, precisamente, em certo momento dessa rica experiência de compreensão do

meu mundo imediato, sem que tal compreensão tivesse significado malquerenças ao que ele tinha de encantadoramente misterioso, que eu comecei a ser introduzido na leitura da palavra (FREIRE, 1989, p.10).

Na companhia destas reflexões que pulsam nesta escrita-viagem, com a participação da minha família neste meu processo de entendimento do mundo, retomo o conto da menina que contemplava o horizonte e tinha paixão por crianças.

O quintal da menina, era uma extensão das aventuras de viagem, tinha horta, árvores frutíferas, galinheiro e por um tempo até patinhos. Era um quintal digno de Manoel de Barros (2003), aquele que tinha mesmo suas medidas medianas, mas que parecia maior que a cidade.

Ela também circulava pela cidade, caminhava para ir à igreja, andava de moto para fazer aulas de balé na oficina Grande Otelo, fazia visitas ao Zoológico da cidade, e se lembra com carinho do parquinho na clareira do Parque Chico Mendes. Sua memória não lhe mostra exatamente como era este parquinho, mas toda vez que retorna àquele espaço, fica curiosa para saber: por que não há mais aquele parque na clareira? Neste parque essa menina relembra momentos importantes de conexão não só com a natureza, mas de atravessamentos com a natureza. Foi lá que ela participou do seu primeiro concurso de poesia, foi lá que ela chorou ao perceber que as plantas morriam, e não de morte morrida, mas de morta matada... foi lá que ela teve momentos marcantes de reflexões com a natureza.

Fora de seu quintal, poderia se encontrar Tabta sempre em volta de crianças. Quando pequena, adorava pegar nas mãos dos menores como apoio para que aprendessem a andar. Conforme foi crescendo se candidatava a carregar todos os bebês que passassem pelo seu caminho. Por isso, recebeu como apelido, "a menina que roubava

crianças". Sempre que possível, lá estava ela a carregar os bebês. Dava aulas para os pequenos nas comunidades que participava. Poderia ter sido babá, professora, enfermeira, amava estar com as crianças.

Figura 3 - Composição de fotos do quintal da autora com a poesia Achadours de Manoel de Barros (2015)



Fonte: da autora, 2020

Um dia, um professor lhe apresentou outra paixão, a arte. Por anos as aulas de artes foram as suas preferidas, daí veio o interesse por design e, no fim do ensino médio ela ingressou no curso de Desenho Industrial com habilitação em Projeto de Produto e por um tempo chegou a esquecer as crianças.

Já na Universidade Estadual Paulista (UNESP), em meio a tantas aulas de desenhos e projetos, não é que ela encontrou uma professora que a encaminhou para um trabalho com crianças? Era uma pesquisa científica: O Processo de Formação de Imagem e o Acesso ao Aprendizado no Ensino Fundamental (2001).

De novo, lá estava ela as voltas com a infância. Passava tardes numa ONG, numa pesquisa participante, dando aulas de reforço escolar para alunos do ensino fundamental.

Figura 3 - Composição de fotos da menina que roubava crianças



Fonte: da autora, 2020

Neste mesmo período, deu outras oficinas para crianças e, ao vasculhar seus baús, reencontrou registros destes momentos que a fazem bem lembrar. Passou o tempo, a menina terminou o curso, ingressou no mercado de trabalho, e se esqueceu deste cordão colorido que sempre costurava histórias faceiras e leves com as infâncias.

Passou a trabalhar no mercado de moda, a criar coleções em escala, a visitar outros países, conceber estratégias que pudessem fomentar a venda, quase não tinha tempo para outra coisa que não fosse o trabalho, o mercado, o consumidor. Estava levando a vida a sério, como bem conta a poesia da epígrafe: parei de sonhar e levei a vida a sério, Sim!! Exatamente como me disseram pra fazer (CASTRO, 2017).

Retomo à epígrafe para fechar este trecho e dizer que foi preciso um outro acontecimento, um outro movimento em devir, o encontro mãe e filha para que a menina que roubava crianças florescesse novamente na vida desta pesquisadora que até então estava levando a vida a sério. Mas deixo estas pontas soltas e retomo o cordão colorido da minha infância para costurar reflexões do devir criança no processo de pesquisa.

O mapa bordado

Na atemporalidade do encontro com a família de rodinha nos pés percebi acontecimentos múltiplos: a descoberta do horizonte, os aprendizados vividos pelo caminho, a intimidade com a natureza. Alguns destes marcos eram imperceptíveis para mim, outros eram apenas memórias do vivido (BENJAMIM, 1987). Mas o processo de entrelaçamento das narrativas e dos contornos pespontados instauraram uma nova relação com minhas histórias, e o devir criança.

Devir é, a partir das formas que se tem, do sujeito que se é, dos órgãos que se possui ou das funções que se preenche, extrair partículas, entre as quais instauramos relações de movimento e repouso, de velocidade e lentidão, as mais próximas daquilo que estamos em vias de nos tornarmos, e através das quais nos tornamos (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 19).

Neste encontro extrai partículas, pulsos que se desdobram na pesquisa em andamento. O mapa das viagens, objeto cobiçado pelas crianças das narrativas e presente nas montagens das *fotomemórias* apresentou não só os relevos dos caminhos, mas a importância do percurso, da estrada.

O que diferencia a criança do adulto é que este prefere mapas que indicam os percursos a seguir, localiza onde está, decide aonde quer chegar, compra o mapa com roteiros já delimitados e migra de um lugar para o outro. criança cartografa em viagem, prefere a viagem. Os lugares, ela os localiza na sua carta, assinalando seus conhecimentos e movendo-se pelo produto de encontros e acasos, afetos-criança. Produz a si mesma (CECCIM, PALOMBINI, 2009, p.308).

O entendimento da pesquisa como uma estrada, como um percurso cheio de curvas, lombadas e possibilidades de ramificações não era uma possibilidade compreendida no início do meu percurso dentro do Programa de Pós-Graduação em Educação. Foram os afetos dos encontros com a menina que reverberam estas possibilidades de uma postura viajante, que percebe com seu corpo cada curva, vibra com as lombadas, observa pelas janelas, se perde no horizonte, cartografa. Adiciono aqui as palavras de Ricardo Ceccim e Analice Palombini (2009) para dar um laço neste artigo “um devir-criança é uma atividade cartográfica, produto das potências de afetar e ser afetado, mesclar ‘real’ e ‘imaginário’ como realidade atual” (CECCIM, PALOMBINI, 2009, p.308).

Continuo neste caminho afetando-me, bordando e cartografando, não só as minhas memórias, mas os eventos de brincar em que esta pesquisa em andamento se propõe a desvelar. Deixo fios soltos como possibilidades de caminhos para um outro costurar.

Referências

ALVES, N. **A narrativa como método na história do cotidiano escolar**. Disponível: www.bliotcadominiopublico.com.br. Último acesso em 12 de jun. 2020, v. 29, p. 0972009, 2000.

_____. N. Sobre movimentos das pesquisas nos/dos/ com os cotidianos. *Revista Teias*, v. 4, n. 7, p. 8, 2003.

BARROS, Manoel de. **Meu quintal é maior do que o mundo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

BENJAMIN, Walter. **A imagem de Proust**. Em *Obras escolhidas*, v.1 2. ed. São Paulo, Brasiliense, 1986, pp. 36-49.

CASTRO, A. **A criança que fui um dia**. Reverb Poesia. Rio de Janeiro. 2017. Disponível em: <https://youtu.be/FaW8-qmlCol> Acesso em 12 jun. 2020.

Castelo Rá Tim Bum, TV Cultura, 1994.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CECCIM, R; PALOMBINI, A. Imagens da infância, devir-criança e uma formulação à educação do cuidado. *Psicologia & Sociedade*, v. 21, n. 3, p. 301-312, 2009.

DALMASO, A. et al. **Fiandografia: experimentações entre leitura e escrita numa pesquisa em educação**. 2016. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Maria.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v. 4. São Paulo: 34, 1997. 176p.

DELEUZE, G; PARNET, C. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1988.

FERRAÇO, C. E; ALVES, N. **Conversas em redes e pesquisas com cotidianos: a força das multiplicidades acasos, encontros, experiências e amizades. Conversa como metodologia de pesquisa: por que não**, p. 41-65, 2018.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. 23ª edição. São Paulo: Cortez, 1989.

KOHAN, W. **A infância da educação: o conceito devir-criança**. Lugares da infância: filosofia. Rio de Janeiro: DP&A, p. 51-68, 2004.

PRADO, B et al. **Educação ambiental no cotidiano de escolas rurais de Itapetininga: a recuperação de matas ciliares**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP, 2004

REIGOTA, M.; PADRO, B. (orgs.). **Educação ambiental: utopia e práxis**. São Paulo: Cortez, 2008. (Coleção cultura, memória e currículo; v. 8)

ROMAGUERA, A. WUNDER, A. **Políticas e Poéticas do Acontecimento: do silêncio a um risco de voz**. Revista Brasileira de Estudos da Presença [Brazilian Journal on Presence Studies], v. 6, n. 1, p. 124-146, 2016.

SCHÖRNER, ANCELMO. **O movimento pela “obra” e os moradores em movimento: pedagogia cotidiana no morro da pedra**. Jaraguá do sul (SC): 1998-2003. In: Colóquio: Filosofia e Educação: desafios e perspectivas, 2006, Blumenau: Editora da Universidade Regional de Blumenau, 2006.

Recebido em: 30/06/2020

Aceito em: 30/07/2020